

“Nosotras” e invenção de novos espaços-tempos

Susel Oliveira da Rosa

Paris, 23.4.74

Querida Lila,

[...]

Estamos montando uma boa rede com o NOSOTRAS. Você nem calcula o número de pessoas pedindo assinaturas, pelo mundo afora, em particular na América Latina. E, no Brasil, inspirando-se nele, um grupo começa agora a fazer um boletim local, de reduzida circulação.

Não é fantástico? Você teria algum endereço a quem eu devesse enviá-lo?

Danda Prado

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. [...] É no nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle.

Gilles Deleuze

Como suscitar acontecimentos pequenos que escapem ao controle, como propõe Deleuze? Que tipo de novos espaços-tempos eram possíveis no contexto em que viviam as mulheres que integravam os grupos feministas e, especificamente, o *Grupo Latino-Americano das Mulheres em Paris*? Que linhas de fuga podem ser traçadas? Como alcançar outros lugares, outras mulheres? Qual a melhor forma de “contágio”? Criar uma rede, como narra Danda na primeira epígrafe, fazendo circular um boletim do grupo difundindo ainda mais as idéias discutidas ali?

O *Nosotras* tem sido objeto de inúmeras reflexões – Elizabeth Cardoso, Joana Pedro e Cristina Wolf, Maira Abreu, entre outras - que reconhecem a originalidade da publicação e sua relevância no contexto do feminismo nos anos 1970. O difícil, felizmente, tem sido “catalogar” e circunscrever o boletim definindo-o dentro desta ou daquela corrente feminista. Digo isso porque encontrei uma pesquisadora angustiada, falando-me que chegava a se arrepender de ter escolhido o jornal como um de seus “objetos” de pesquisa. “Não consigo classificá-lo, imagine você que inclusive posições contraditórias e opostas sobre o mesmo tema circulam pelas páginas do jornal”, desabafava.

Difícil catalogar uma rede molecular, codificar um rizoma. Às vezes, ela pode proceder por contágio, como uma “bola de neve”:

Todo se pasó como si fuéramos una pelota de nieve: dos o tres latino-americanas escribiendo sus tesis de doctorado sobre la mujer. Deparamonos por la primera vez con las preguntas “porque piensan esto las feministas francesas? que lo que quiere decir el feminismo? El feminismo es un movimiento que tendria sentido solamente en un pais industrializado? Que hay de común o de distinto entre la mujer mexicana, venezolana, argentina, brasileña, francesa? De conversaciones ocasionales pasamos a reunirnos sistemáticamente en casa de una de las mujeres, el numero de participantes o personas interesadas creciendo siempre. Más tarde conseguimos un local en un café en el Barrio Latino, siempre en dias fijos, pero alli eramos obligadas a consumir, lo que nos salia caro. Por fin, las feministas francesas nos propusieran su proprio local, donde pasamos a funcionar regularmente, todavía sin mantener muchos contatos con ellas, sin “chauffagw”, sin sillas... (*Nosotras*, Janeiro 1974, n. 1)

“Sin sillas”, sem amarras, sem hierarquias. Eis a descrição de como surgiu o grupo, no editorial do primeiro número do Boletim do Grupo Latino-Americano das Mulheres em Paris, o *Nosotras*. Em destaque e ocupando a primeira página, esse era também o espírito que as mulheres pretendiam dar ao boletim:

Apesar de las malas condiciones, nuestra curiosidad frente al hecho nuevo (mujeres reuniendose para hablar de si mismas), el calor de las discusiones, el entusiasmo, todo contribuyó para que sigieramos juntas en el periodo de un año y medio. Desde el principio, nos preocupava la idea de no repetir los comportamientos de otros grupos, o sea, de no crear los eternos “emisarios” de los maros grupos, o sea, pensavamos que seria necesario hacer con que todas las mujeres hablaran, que todas pudieran desarrollarse. Para eso experimentamos varias formas de organizar las reuniones [...] (*Nosotras*, Janeiro 1974, n. 1)

Apesar das condições precárias, o entusiasmo e a disposição para criar algo novo frente às capturas incessantes dos aparelhos de estado e da normatização de uma sociedade patriarcal fizeram com que as mulheres do Grupo criassem um jornal-boletim difundindo as idéias feministas. Um jornal que, como as “máquinas de guerra” sobre das quais falam Deleuze e Guatarri, sobrepunha-se aos lugares comuns. “Máquinas” que, nesse contexto, remetem aos arranjos possíveis – tal como o “experimentar várias formas de organização” - e o contemplar às multiplicidades – o incentivo a participação ativa de todas as mulheres - e “guerra” que não tem a ver com a guerra tal

como conhecemos, já que a escrita e a música também podem ser máquinas de guerra¹. Nesse sentido, um grupo de mulheres feministas e a publicação de um boletim como o *Nosotras* podem ser pensados como a constituição de “máquinas de guerra” frente à sociedade patriarcal.

Se os aparelhos de Estado constroem espaços estriados de coerção e normatização, as “máquinas de guerra” – que ocupam, preenchem e inventam espaços-tempos² – necessitam de espaços lisos sobre linhas de fuga, espaços nômades, libertários e agregadores. Sem imitação, sem a padronização presente em outros grupos, sem “heróis” - “nos preocupaba la idea de no repetir los comportamientos de otros grupos, o sea, de no crear los eternos ‘emisarios’”. Distantes dos “eternos emissários”, as mulheres do grupo pretendiam que aquele fosse um espaço aberto e agregador: “seria necesario hacer con que todas las mujeres hablaran, que todas pudieran desarrollarse”. Eis o tipo de espaço-tempo criado pelo grupo e pelo *Nosotras*, ele próprio uma “máquina de guerra” difundindo o feminismo por vários países.

Espaço-tempo possível no qual as mulheres de outros lugares podiam participar e opinar através do jornal. Assim, as idéias feministas percorriam os espaços lisos das linhas de fuga, contagiando mais facilmente as leitoras. O primeiro boletim, sugestivamente, detalhava o surgimento do grupo e descrevia a organização das reuniões:

...En su mayoría, las mujeres presentes estan de acuerdo con decir que vinieran a las reuniones impulsadas por su curiosidad y también con la intención de descubrir y aprender el verdadero sentido del movimiento feminista: otras vinieran ya impulsadas por su conciencia de la explotación de la mujer, el deseo de pensar con otras mujeres sobre los tabus, las restricciones sociales de toda especie, los roles dichos “femeninos”, etc. reflejar sobre la condición de la mujer que trabaja, sobre que significa el trabajo “doméstico” porque el no es considerado un trabajo, etc. (*Nosotras*, Janeiro 1974, n. 1)

Se o grupo até ali – então com um ano e meio de existência – tinha conseguido se manter e resistir à tentativa de manipulação do Front, a estratégia agora era agregar mais mulheres através de um espaço reflexivo, criativo e aberto. Um espaço bilíngüe (português-espanhol), que facilitava a movimentação das mulheres, latinas ou

¹ Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 5* (SP: Ed. 34, 1997), p.230.

² Gilles Deleuze. *Conversações* (SP: Ed.34, 1992), p. 212.

brasileiras. E a resposta não tardou a surgir em várias partes do mundo, como percebemos na sessão destinada ao “correio”:

Tenho estado louca com o que há para fazer no n/grupo feminista nascente. Tenho recebido o jornal e gostado muito. Tem circulado n/grupo. Pensamos também em fazer um jornal. Para começar, só 1 ou 2 páginas. Fui ao México conhecer as feministas que iam à televisão. Foi bom, tanto mais que penso que o contato internacional é e será, cada vez mais fundamental.

Ma. Isabel Barreno – LISBÔA

Pertenezco à la Unión Feminista Argentina (UFA). Lei un no. Del boletín publicado por Uds. Me alegro mucho saber que hay brasileras feministas pues tengo una amiga que vie em Rio y me gustaria que conociera a las feministas de allí. Me encantaria mantener correspondia con Uds. A veces nos sentimos 1 poco solas y nos alegra ver y recibir noticias de otros movimientos del mundo.

Hadalli Gleizer – BUENOS AIRES

PS. Otro grupo feminista es el movimiento de Liberación de la Mujer

(...) Quero também mencionar o quanto apreciei o esforço e a importância desta publicação em português e espanhol. Talvez seja desnecessário dizer que “NOSOTRAS” foi “devorado” por mim e por várias outras mulheres de minhas relações (...) Todos os artigos foram muito apreciados por mim, porém desejo destacar aquele que “traduz” o significado do casamento e a sua manipulação indevida. Outro que me causou verdadeiro espanto, pois ignorava semelhante barbárie, foi o que relata a situação das mulheres árabes. Amigas, continuem nos esclarecendo para que possamos nos unir e modificar este estado de inferioridade a que nossas irmãs de todas as partes do mundo se vêm entregues. Sem mais, fico aguardando o envio dos jornais, com ansiedade e com o desejo de que não esmoreçam nesta luta.

Thalita Duarte / RIO DE JANEIRO (*Nosotras*, números 8, 9 e 10 – ago/set/out 1974)

Lisboa, Buenos Aires, Rio de Janeiro: as correspondentes se multiplicavam. Muitas “devoravam” o jornal e repassavam às amigas, como “Thalita Duarte”. Outras, já integrando movimentos feministas em seus países, sentiam-se menos sozinhas depois de ler o *Nosotras*: “a veces nos sentimos 1 poco solas y nos alegra ver y recibir noticias de otros movimientos del mundo” (“Hadalli Gleizer” - Buenos Aires). Em todas, o contágio era visível: “pensamos também em fazer um jornal. Para começar, só 1 ou 2 páginas” (“Isabel Barreno” – Lisboa).

Jornal que era usado também para divulgar movimentos feministas em outros países. Como o do México:

ÉL MOVIMIENTO DE LIBERACIÓN DE LA MUJER EM MÉXICO

Aprovechando la discusión en la Cámara de Diputados de una série de reformas a la Constitución, y que afectan directamente a las mujeres, distribuyeran un volante por él cual se dirigen a la obrera, maestra, enfermera, profesionista, ama de casa, secretaria, empleada, estudiante, preguntándoles:

ACASO TE HAN PEDIDO TU OPINIÓN?

ACASO HAN PERMITIDO TU PARTICIPACIÓN?

La ley dice que vamos a tener los mismos derechos que los hombres, podemos trabajar fuera de la casa y no debemos tener muchos hijos.

PERO, QUE QUEREMOS NOSOTRAS?

Vem!!! Vamos a discutirlo!!!

Grupo Z (*Nosotras*, n. 12/desembro, 1974)

“Cada vez que há operação contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, dir-se-ia que uma máquina de guerra ressuscita, que um novo potencial nômádo aparece”³. Se os governos e suas instituições passavam a discutir as questões referentes às mulheres, as feministas tratavam de alertar a todas: estas discussões e possíveis legislações criadas a seguir não correspondiam aos seus desejos. Elas não estavam participando do processo de discussão e decisão: “Acaso te han pedido tu opinión? Acaso han permitido tu participación? Pero, que queremos nosotras?”.

O que queremos *nosotras*, o que estamos fazendo de nossas vidas? Com essas e muitas outras questões, as mulheres-feministas-nômades se opunham à máquina administrativa, criando suas próprias máquinas de guerra para escapar aos códigos patriarcais. Códigos que muitas vezes disfarçavam-se de “conquistas”, mas não deixavam de ter limites estreitos. Esse foi o caso do “Ano Internacional da Mulher” – 1975 –, organizado pela ONU:

AVENTURAS DE UMA FEMINISTA NA UNESCO

A ONU declarou 1975 o “Ano Internacional da Mulher”. Durante esse ano haverá muitas realizações de denúncia ou divulgação da situação da mulher em todos os países do mundo.

Por isso, Laurence, jornalista política e membro da Associação dos Direitos da Mulher Suíça, foi procurar o chefe de informações da UNESCO, para pedir o financiamento de um filme sobre a mulher, no Oriente Médio.

- “Pareceu-nos que seria mais importante para as mulheres, fazer um filme que trate dos problemas mais graves, urgentes e desconhecidos, como trabalho profissional, educação, etc.”

REPRODUÇÃO DE UM DIÁLOGO DE SURDOS

³ Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 5* (SP: Ed. 34, 1997), p.60.

- “Gostaríamos de denunciar a mutilação física a que são submetidas quase todas as mulheres do Oriente-Médio, África Central e do Sul. A excisão do clitóris é uma prática corrente em países como o Alto-Egito, Kenia, Etiópia, etc... para impedir a mulher de usufruir de um prazer sexual”.

- “Mas minha senhora, por favor! Há muitos homens que são submetidos a tantas atrocidades... Além disso, a senhora vai encontrar muitos obstáculos pois a ONU é financiada também por esses países.

- “Eu sei, mas sendo um filme do Ano Internacional da Mulher e promovido pela ONU, pensei que caberia a nós, mulheres, apresentar fatos graves desconhecidos ou ‘esquecidos’ que se passam ainda atualmente.

- “Mas pense um pouco, abordar um assunto desses seria até indecente...”

- “De fato, a tortura, qualquer que seja é indecente e deve ser denunciada”. Só que as torturas clássicas são acusadas quase diariamente nos jornais enquanto que mutilar uma mulher, em plena adolescência, a sangue frio, em nome das tradições locais, passa despercebido ou como quase fenômeno ‘natural’.

- “Eu acho que a senhora está enganada, talvez isso nem exista mais, e além de tudo há assuntos muito mais sérios para serem tratados como por ex.: a transformação da mulher em objeto sexual pela imprensa ou a igualdade de salários...”

Laurence (*Nosotras* n. 7/ julho de 1974, p.1-2)

A multiplicidade que constituía a rede molecular do grupo não estava subordinada ao Uno – da lei, da norma, da falta, do falo –, como podemos perceber no trecho anterior. Eis uma “multiplicidade de devir ou de transformações”⁴, distante do espaço estriado oferecido pelo Estado e suas instituições. Multiplicidade que não permite a captura da “subjetividade revolucionária” ou a “arborização das multiplicidades”, mostrando os limites do que era proposto oficialmente nesse primeiro ano internacional da mulher – “...minha senhora, por favor! Há muitos homens que são submetidos a tantas atrocidades...” – através da fala do representante da ONU. Ano que para as feministas estimulava o combate, e elas denunciavam a situação em que viviam milhares de mulheres, incluindo aí as “olvidadas del año de la mujer”:

LAS OLVIDADAS DEL AÑO DE LA MUJER

Su imagen no aparece sobre los muros. Sus voces no llegan hasta nosotras, y no sabemos que imprecaciones o que lamentos de infinita fatiga saldrian de sus bocas si pudiesen hablar.

Sabemos solamente que hay hombres que presencian cada día su humillación, que escuchan sus gritos bajo la tortura, que las ven pasar sin poder protegerlas, y que estos hombres llegan a sollozar de desesperación. Uno de ellos logró enviarnos un testimonio sobre una de esas prisiones mixtas donde son acumulados: el mismo nos dijo que son ellas las mas dignas de compasión.

Todos los días, el las ve pasar por el corredor ante su celda, en dirección a los mingitorios, en fila india, cada una con una mano sobre el hombro de la que la

⁴ Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 5* (SP: Ed. 34, 1997), p.221.

precede, con una venda en los ojos, pues no tienen derecho a ver. Ellas tratan de caminar bien erguidas, orgullosas, a despecho de la pullas obscenas de los guardias que las ven, hacen comentarios. Regresan, forzadas al silencio, manoseadas al pasas por los mismos soldados que las golpean y torturan en otros momentos. Aquella que hable debera permanecer horas de pie en el pasillo, y cuando comience a tambalearse, después de una noche entera, los guardias que la rodean se la lanzan unos a otros como una pelota y jogan con ellas mientras la injurian.

Por supuesto, la condición de preso político en un régimen totalitário es una prueba sin fin para el cuerpo y el espiritu. Tanto para los hombres como para las mujeres.

Pero los hombres no sufren a lo largo de cada día la parodia obscena y sádica del amor de parte de sus carceleros. Y ningun hombre, arrojado a su celda después de un interrogatorio forzado, tiene que sufrir, por añadidura, el temor de un embarazo y la espera de un hijo de su verdugo. ELLAS, SI.

Su dignidad de seres humanos es burlada y aún mas profundamente su indentidad de mujeres. Atrocidades inimaginables solo atizan el sadismos de estos soldados (...)

Evelyne Sullerot - Tomado de LE MONDE, "Libres Opinions", 31-31 Mars 1975, page 5 (*Nosotras*, n. 16-17-18, abril/mayo/junio de 1975)

Para as feministas não havia dúvidas da diferença de tratamento que as mulheres recebiam nas salas de torturas e em qualquer campo de exceção, onde suas vidas não são respeitadas ou consideradas. Onde são – como diz Tania Swain – apenas sexo. Como o são também fora dos campos de exceção, à sombra da “normalidade” nas revistas de moda, nas propagandas de bebidas, de carros, exercendo as tarefas de esposas e mães. Eis o que levou o “Movimento de Libertação das Mulheres” em Portugal a convocar uma manifestação pirotécnica, uma fogueira nada simbólica aproveitando as comemorações do “Ano Internacional da Mulher”:

M L M

O Movimento de Libertação das Mulheres (de Portugal) inaugura o Ano Internacional da Mulher!

Inaugura não com festejos porque a situação das mulheres não justifica alegria, mas como um acto de denúncia: uma fogueira.

Propomo-nos queimar todos os símbolos da opressão da mulher nos seus múltiplos aspectos em que tem sido desde sempre mistificada: a mulher-objecto sexual, a mulher produto de consumo, a mulher mártir, a mulher escrava do lar, a mulher repouso do guerreiro, entre muitos outros.

E tu, irmã, não queres participar?

Vem e traz: panos de pó, vassouras, esfregões, fraldas, brinquedos destinados a rapazes e brinquedos destinados a raparigas, revistas pornográficas, livros onde a figura da mulher é deturpada, pôsteres, etc...

2ª. Feira – dia 13(de Janeiro) – 18hs. – No topo do Parque Eduardo VII (*Nosotras* – n. 13 e 14 – janeiro/fevereiro de 1975)

Esse foi o texto do panfleto distribuído pelas portuguesas e divulgado no *Nosotras*, conclamando as mulheres a queimarem os objetos que simbolizavam sua opressão na sociedade patriarcal. Ao sinalizar com uma conjuntura possível e desestabilizadora que ameaçava a ordem arborescente da sociedade, o texto-convite serviu para deflagrar uma reação violenta dos homens em Lisboa:

O 25 de Abril consagrou em Portugal o direito à livre expressão de pensamento. Até ontem, dia 13, todas as manifestações foram respeitadas – pacíficas e ordeiras, nada fazendo prever que pelo simples facto de as manifestantes serem 20 mulheres, tudo mudasse. MAS A VERDADE É QUE ISSO ACONTECEU! Ontem, 2ª. Feira, dia 13, às 18hs., em Lisboa, quando o M.L.F. se preparava para inaugurar o A.I.M., tal como estava anunciado, foi surpreendido pela presença de milhares de homens que imediatamente impediram a execução do projecto. Impediram-no numa orgia de violência, ignorando por completo até a presença de crianças, filhos das mulheres do M.L.M., testemunho do carácter tranqüilo e confiante num Portugal novo, em que todos possam emitir livremente suas opiniões. Mas aos homens presentes não chegou: sufocar crianças e tentar mesmo virar o carro onde se tinham conseguido refugiar e donde só saíram protegidas pois, além disso bateram, deram murros, pontapés, apalparam, levantaram as saias, insultaram gritando: “mulheres só na cama”, “vamos a elas” – estas as que são permitidas dizer num jornal! Mais: abriram as braguilhas e mostraram os sexos, atiraram mulheres para poças de lama e fizeram roda à volta, despiram uma rapariga desconhecida de uns 17 anos, destruíram um carro. O A.I.M foi instituído pela ONU, vai ser comemorado em todo o mundo. EM PORTUGAL PASSOU-SE ISTO! Quais serão as intenções desses milhares de homens (alguns se apresentavam como pertencentes ao PCP), ao tomar uma atitude reacionária como esta? [...]

MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES – Portugal -
(*Nosotras* – n. 13 e 14 – janeiro/fevereiro de 1975)

Virgínia Woolf dizia que nenhuma época seria tão ruidosamente consciente do sexo quanto a que ela vivia, bastava olhar para os inúmeros livros sobre mulheres, escritos por homens. Para ela, a campanha pelo sufrágio teria despertado nos homens um excessivo desejo de auto-afirmação: “deve tê-los feito colocar no próprio sexo e em suas características uma ênfase em que não se teriam dado o trabalho de pensar, se não tivessem sido desafiados. E quando se é desafiado, mesmo por umas poucas mulheres de bonés pretos, retalia-se, caso nunca se tenha sido desafiado antes, com bastante excesso”⁵.

Se, na época em que viveu Virginia Woolf, a campanha pelo sufrágio gerou esse tipo de reações, a queima dos objetos que simbolicamente representam a sujeição das

⁵ Virgínia Woolf. *Um teto todo seu* (RJ: Nova Fronteira, 2004), p.121.

mulheres e localizam seus papéis sociais, na comemoração do Ano Internacional da Mulher, suscitou a reação violenta dos homens. Virar carros, dar murros, apalpar, bater, abrir as braguilhas, jogar mulheres na lama, foi a resposta encontrada por eles para reafirmar o domínio patriarcal e a submissão das mulheres ao sexo. Contudo, longe de desarticular as mulheres, reações como essa mostravam o potencial insurgente e transformador dos movimentos feministas, mobilizando-as ainda mais para a criação de uma rede feminista internacional. Rede na qual o *Nosotras* esteve empenhado em fomentar, divulgando os informes de grupos que se espalhavam pelo mundo, como a “Accion para la liberación de la mujer peruana”:

ACCION PARA LA LIBERACIÓN DE LA MUJER PERUANA

QUIENES SOMOS?

QUE QUEREMOS?

QUE HACEMOS?

Somos un grupo de mujeres organizado para estudiar, trabajar y luchar por la causa de nuestra liberación y especialmente con y por la de nuestras hermanas que sufren doble opresión, por ser mujeres, y por pertenecer a un sector social históricamente explotado y dominado.

Por qué hemos denominado a nuestro grupo “Acción para la liberación de la Mujer Peruana”?

Porque queremos asumir nuestra acción sin eufemismos ni timideces, y sin caretas, en una palabra, sin medias tintas. [...] (*Nosotras*, n.21-22, setembro/outubro 1975)

Com isso, a rede de apoio internacional crescia. Nesse contexto, a condenação de uma cubana-portorriquenha que atirou contra seus estupradores na Califórnia serviu para aglutinar diversos grupos de mulheres. No *Nosotras*, o tema ocupou a capa e muitas páginas do boletim:

INES GARCIA fue condenada. Perché?

Ines Garcia fue sentenciada el 22 de octubre a 5 años de prision por haber dado muerte a uno de los hombres que la violaran. Numerosas mujeres que habían venido a demostrar su solidaridad con Ines protestaran airadamente cuando el juez S.Lawson decto la sentencia. Las mujeres gritaban “LIBERTAD PARA INES”, “LAS MUJERES UNIDAS NUNCA SERAN VENCIDAS” y “ESTAMOS CONTIGO”.

Durante el proceso, Ines declaró que habia sido forzada a desvestir-se y logo violada par L.Castillo, mientras que Jimenez la immobilizaba. Ines declaro que luego mató a Jimenez con un rifle.

“Lo maté y no pude matar al otro, pero quería matarlo también. La única cosa que siento es no haber podido matar a Castillo también”. Castillo no se le hizo ningún cargo de acusación. [...]

[...]

Apoio Feminista Internacional

Las mujeres norteamericanas apoyan a Ines porque se le acusa asesinato premeditado por haberse defendido de un ataque sin sentido y brutal, mientras que uno de los agresores no solamente está libre, sino que no se le hace ningún cargo de acusación.

Miles de mujeres han sido violadas y muchas viven con el miedo de serlo. Ines es una de las pocas que ha castigado este hecho. Su caso es ejemplar. Mientras que los hombres sigan agrediendo a las mujeres, nosotras debemos defendernos de la manera que podamos.

[...]

La liga de los Derechos de la Mujer propone:

La creación de un TRIBUNAL INTERNACIONAL para denunciar los crímenes cometidos contra la mujer;

Una red de solidarieda con las mujeres viladas.

SIMONE DE BEAUVOIR, presidenta de la Liga de los Derechos de la Mujer, envió una carta de solidaridad a Ines:

“Me indigna que su acto de legítima defensa la haya conducido ante los tribunales. La Justicia de este mundo machista demuestra nuevamente que desconoce los mas lementales derechos de la mujer. Le acusan de homicidio y la violación que origino dicho acto no está puesta en discusión.

Este segura del apoyo de todas las mujeres francesas que luchan por la causa de las mujeres y, del mio en particular”

S. de Beauvoir (*Nosotras*, n. 11, novembro de 1974)

Assim como o caso de Inês foi muito bem documentado e divulgado pelo jornal, o incentivo e o apoio à criação de um “Tribunal Internacional” para denunciar os crimes cometidos contra mulheres, como anuncia a matéria acima, foi pauta das páginas do *Nosotras*. Dessa forma, as redatoras não paravam na denúncia, mas propunham saídas, buscavam ações possíveis, empenhando-se em transformar a face do mundo. Ações como a publicação e circulação do jornal, que repercutiu em muitos lugares.

Para Raquel Shoiet, o fato de a redação do *Nosotras* se localizar em um dos “centros do mundo da época”, com suas redatoras vivenciando “a produção de ponta dos círculos intelectuais e políticos com relação aos feminismos”, propiciava às brasileiras (e latinas) receber (além das agendas de luta) informações “acerca de textos teóricos do feminismo, dos movimentos feministas, das técnicas e idéias de ação para a constituição dos grupos feministas, inclusive acadêmicos, tão importantes nas universidades brasileiras”⁶.

⁶ Rachel Soihet. “Mulheres Brasileiras no Exílio e Consciência de Gênero”. Em: Joana Pedro e Cristina Woolf (org.). *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Conesul* (SC:Ed.Mulheres, 2010).

Textos, denúncias, informações que, em meio à ditadura, precisavam entrar no país clandestinamente. Com isso, uma das formas de fazer circular o *Nosotras* no Brasil era enviar um pacote com exemplares do jornal para a fazenda de uma prima de Danda – localizada em Campinas, São Paulo. A partir daí ele era distribuído, via correio, para os endereços das brasileiras. Brasileiras como a feminista Maria José de Lima – “Zezé” – que, no Rio de Janeiro, divulgava-o entre as cariocas. “Em um dos exemplares da revista NOSOTRAS editada em Paris sob a coordenação de Danda Prado, li um texto de Marisa Figueiredo comentando o projeto de educação não diferenciada da Suécia, que me marcou muito”, narra Zezé. Textos como esse e os demais publicados no jornal que nada tinham de imparciais, muito pelo contrário, primavam por “rachar as palavras” que fundam e reforçam o mundo patriarcal.

Logo, fugir à imparcialidade, aos modelos, às idéias pré-concebidas e “rachar as palavras” era o objetivo do *Nosotras*:

LA VOCACIÓN “NATURAL” DE LA MUJER

Otro mito que mantiene a las mujeres en su situación de dependencia es aquél que establece que siendo la mujer quien lleva en su vientre el óvulo fecundado y procrea es quién está “naturalmente” dotada para encargarse del cuidado de la casa y de los niños. Empero, este oficio de ama de casa y gobernante son los hombres quienes se lo han adjudicado puesto que no existe ninguna relación de causa a efecto entre ambos tipos de actividade. (*Nosotras*, n.6 / junho de 1974)

Nenhuma relação de causa e efeito entre as mulheres e os cuidados atribuídos a elas na cultura patriarcal, nenhuma origem perdida. Em lugar da “origem”, um movimento que cresce “entre”, rachando as idéias pré-concebidas e a ordem “natural” do mundo. Eis a emergência e atualidade do novo, a possibilidade de criação de novos modos de existência a partir da rede criada pelo *Nosotras*. Rede que denunciava a violência e a exploração de mulheres em vários países – Portugal, Venezuela, Cuba, Etiópia, Argélia, etc. –, que defendia a legalização do aborto, divulgava o Primeiro Encontro Nacional das Prostitutas Francesas, denunciava a utilização do estupro como arma de guerra. Ou ainda, discutia literatura, cinema, entre inúmeros outros temas. Rede

que procedia por contágio: “Se gostou desse número de NOSOTRAS? Então não jogue fora. Dê a uma amiga”⁷.

Contágio inspirado pelos intercessores. Intercessores que propiciam encontros que viabilizam o movimento, tirando as coisas de seus eixos habituais. “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra”, diz Deleuze. “Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores [...] eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê”⁸.

O *Nosotras* foi um desses intercessores. E os intercessores “têm o poder de produzir afectos, abrindo os corpos para diferentes maneiras de existir”⁹. Nesse sentido, as mulheres que produziram e contribuíram com o jornal foram grandes intercessoras das idéias feministas. Mulheres como Mariza Figueiredo que era responsável por toda a edição do jornal; ou Lucia Tosi, encarregada da impressão; ou ainda Giovanna Machado que estabelecia os contatos com as latino-americanas e ao retornar à Venezuela fundou lá um outro jornal chamado *Uma mujer cualquiera*; entre muitas outras feministas.

Feministas que produziram e suscitaram encontros que aumentavam a potência de existir das demais mulheres, que possibilitavam a criação de novos modos de existência, para além do patriarcado. “Às ficções pré-estabelecidas que remetem sempre ao discurso do colonizador, trata-se de opor o discurso de minoria, que se faz com intercessores”¹⁰. Se o discurso de minoria se faz com intercessores, é bom lembrar que para Deleuze uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria, pois elas não se distinguem pelo número: “o que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades”. Já uma minoria não tem modelos a seguir, “é um devir, um processo. [...] Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação”¹¹.

⁷ *Nosotras*, n.7 / julho de 1974.

⁸ Gilles Deleuze. *Conversações* (SP: Ed.34, 1992), p.156.

⁹ Ada Kroef e Gisele Gallicchio. “Não há centro em Bagdá”. Revista Contrapontos - volume 5 - n. 2 - p. 273-281 - Itajaí, mai./ago. 2005

¹⁰ Gilles Deleuze. *Conversações* (SP: Ed.34, 1992), p. 157.

¹¹ Gilles Deleuze. *Conversações* (SP: Ed.34, 1992), p. 214.

Sobrevivência ou salvação que não era o objetivo do *Nosotras*. Após dois anos de circulação, em vista das várias publicações feministas surgidas nos países latino-americanos – muitas inspiradas no boletim – e da falta de recursos, Danda reconhecia que o melhor era encerrar as publicações, acreditando que o jornal já teria cumprido seu papel:

Paris, 30/11/76

*Querida Lila,
[...] Você recebeu o último número de NOSOTRAS, com um dossiê sobre sexualidade? É o último a ser publicado também, provisoriamente.
Vamos congelá-lo, pois os recursos de toda espécie estão faltando. Além disso, há várias publicações feministas agora, em cada país. Deixou de ter o papel que teve, o NOSOTRAS¹².*

Contudo, se o *Nosotras* deixava de circular, inúmeras outras formas de atuação feminista seriam experienciadas por Danda. E ela continuaria a escrever sobre isso para “Lila”.

¹² Correspondência datada de 30/11/1976. Arquivo pessoal de Danda Prado.